

A exposição «ESTREIA» é uma evocação da actriz Virgínia da Silva, a torrejana que brilhou nos palcos da capital, *prima donna* do Teatro Nacional. Celebramos Virgínia e todas as mulheres que desejaram ser e foram o que desejaram. Homenageamos as que conseguiram e as que ficaram pelo caminho.



ESTREIA

EVOCAÇÃO A **VIRGÍNIA DIAS DA SILVA**
ACTRIZ DO TEATRO NACIONAL

FOTOGRAFIA Museu Nacional do Teatro e da Dança Nº 63473

MMCR
museu municipal carlos reis


museu municipal
CARLOS REIS | TORRES NOVAS


torresnovas
município

2016

Ser mulher, no século XIX, era não ser, não estar, não ter.
Nascer mulher, em 1850, significava fazer-se esposa e mãe, viver com decoro dentro dos preceitos da Fé.

As mulheres que ousaram ser mais do que era suposto ficaram inscritas nas páginas dos jornais, nas fotos das revistas, nos anais da história.

Virgínia Dias da Silva, mulher nascida em Torres Novas em 1850, permanecerá, para sempre, estampada nos periódicos da época como atriz inaudita, inteligente, conscienciosa, “a verdadeira atriz moderna”, dotada para representar as figuras das heroínas sofredoras e arrebatadas.

Quando se apagaram as luzes da ribalta e se desfez o seu casamento com um dos nomes fortes da cena, Virgínia morreu. Morreu de tristeza, de amor, despojada.



Virgínia Dias da Silva [c. 1875].
Fotografia de A. Fillon (Lisboa).
Museu Nacional do Teatro e da Dança,
n.º 327 (incorporação: doação do Sindicato
dos Trabalhadores das Artes e do Espectáculo)

Não conhecemos uma carta, um diário, uma linha escrita pelo seu punho onde se leia o que verdadeiramente sentia e pensava. Apenas uma dedicatória, uma assinatura, algumas entrevistas. Mas falta a escrita íntima, privada.

Quando essas letras surgirem, reescreveremos a história de Virgínia.

Torres Novas, terra-natal

No dia 19 de Março de 1850, no largo da Hortelosa (Torres Novas), nascia Virgínia Dias da Silva, filha de Simão Dias da Silva e de Miclina da Conceição. Foram seus padrinhos de baptismo Maria do Ó, a tia materna, e Rafael Rodrigues de Oliveira.

Na vida de Virgínia, de Torres Novas poucas lembranças permaneceram.

Ficando órfã, Virgínia parte para Lisboa aos 11 anos. Não se conhecem relatos de retornos à terra para matar saudades. Regressa a Torres Novas com 45 anos, já era uma atriz conceituada. E é nessa data, em 1895, que o Teatro torrejano passa, então, a chamar-se Teatro Virgínia, em sua homenagem.



Virgínia Dias da Silva [c. 1886].
Fotografia do laboratório
Photographia Redondo (Lisboa).
Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3995
(incorporação: doação da família Campos)

Quase seria escusado dizer que os seus conterrâneos os receberam em manifestação de tal maneira imponente que, após o espectáculo, recolheram a casa por entre um longo cortejo iluminado por centenas de archotes. A saudação foi proferida pelo Dr. António Pinto de Magalhães e Almeida [presidente da câmara]... Faustino Bretes, Actriz Virgínia. Biografia. Município de Torres Novas, 2002, p. 75

Lisboa, os teatros e a estreia



Virgínia Dias da Silva em traje de cena da opereta Flor de Chá, peça representada em 1870 pela Companhia do Teatro do Príncipe Real Santos & Pinto Bastos. Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17978

Em Lisboa, Virgínia vive com uma tia, que desejava vê-la fazer-se costureira. Mas, na capital, vivia também o seu padrinho, sócio do teatro da Rua dos Condes, que levava a pequena Virgínia a assistir a espectáculos, récitas e peças de teatro.

O teatro seduziu-me desde os mais tenros anos. Sempre que me levavam a um espectáculo, exultava. Vinha para casa e queria fazer tudo quanto vira e ouvira. Representava, imitava as artistas... Vivía em casa da minha tia que era pobre e [...] deliberara empregar-me num atelier. Ia ser costureira quando era o palco, todo o mundo que eu adivinhava, o futuro que cobiçava.
Virgínia Dias da Silva, em entrevista à *Ilustração Portuguesa*, 5 de Abril de 1922



Virgínia Dias da Silva [c. 1866]. Fotografia de R.P.M. Bastos, Galeria Photographica (Lisboa). Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 2333544

É pela mão do padrinho que chega, então, às primeiras audições no Teatro da Trindade, com apenas 13 anos. O jeito para as artes dramáticas não foi imediatamente reconhecido, mas Rodrigues de Oliveira sabia do talento da afilhada e não desistiu. Três anos depois, Virgínia estreava-se no Teatro do Príncipe Real, em *Mocidade e Honra*, no dia 15 de Abril de 1866.

Estreou-se ante-hontem no Teatro do Príncipe Real, e na comédia-drama em dois actos Mocidade e Honra, a actriz Virgínia, uma ingénua que revelou bastos dotes para a scena e a que o público aplaudiu freneticamente, animando-a a prosseguir em tão bella quanto difícil carreira.
Diário de Notícias, 17 de Abril de 1866

Palcos e amizades

Da estreia ao seu último espectáculo, 40 anos passaram. Muitos meses de ensaios, inúmeras horas de cena, tantos dias de tournées.

Muita tinta correu sobre o seu talento, especialmente sobre a impressionante voz que entoava, característica suficiente para delinear uma personagem, diziam.



Actriz Virgínia com o actor Augusto Antunes, caracterizados para espectáculo não identificado. [c. 1890]

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17335

sócia, fez parte do processo de modernização do teatro em Portugal.

Rosa Damasceno era a amiga inseparável desses tempos. Cochichavam nos corredores, davam risadas nos ensaios, pregavam partidas em cena.

Ferreira da Silva, intelectual e actor, foi a paixão que a arrebatou aos 25 anos. Casaram e tiveram uma filha, Maria Ema.

Do Teatro do Príncipe Real para o Teatro D. Maria II, deste para o Trindade, tendo passado pelo Politeama e por tantos outros palcos.

Foram 27 anos no Teatro D. Maria, onde pôde ser tudo, desde a ingénua à grande diva, em peças como *A princesa de Bagdad*, *Fédora*, *A estrangeira*, *Othelo*, *Dionisa*, a sua preferida.

No teatro nacional, com a Companhia Rosas & Brazão, de que era

Das tournées, são memoráveis as temporadas no Brasil: a crítica amava-a e os populares acompanhavam-na do teatro ao hotel. Virgínia fazia vibrar o público, arrancando gloriosos aplausos.

O teatro S. Pedro de Alcântara [no Rio de Janeiro] esteve hontem completamente cheio. A actriz Virgínia teve uma verdadeira ovação, especialmente no fim do 4.º acto em que foi chamada à scena 22 vezes e no final da peça em que essas chamadas ameaçavam prolongar-se toda a noite
Jornal *O Paiz*, 23 de Julho de 1887

A crítica chegou a compará-la a Sarah Bernhardt e a Julia Bartet. Mas Virgínia não comentava tais devaneios, reconhecendo-os como hiperbolização dos fãs. Virgínia era uma actriz focada, estudiosa, que conseguia papéis pelo esforço, com empenho e dom. Glamour e excentricidade de prima-dona não eram seus apanágios, o que lhe exigia mais esforço do que às outras actrizes mais vistosas.

Ambas Eleitas, ambas Divinas, a Bartet nascida em França, colocada no Conservatório, cultivada na Comédie [...] e a Virgínia, nascida em Torres Novas, criada ali ao pé do passeio público estreada [...]

A arte da Bartet tem o perfume inebriante das florações bizarras das estufas e o talento de Virgínia tem o aroma delicado das violetas modestas das campinas.
Joaquim Madureira/Braz Burity, revista *Serões*, 1906

Em 1906, Virgínia abandonava os palcos. Na noite da despedida, representou *O Marquês de Villemer* e *Os velhos*, no teatro D. Maria II. A sua retirada, por doença, foi sobejamente comentada na imprensa portuguesa e brasileira. Aquela que era a “actriz para todo o público”, como se lia na *Ilustração Portuguesa* (Abril 1906), saía de cena aos 56 anos.



Virgínia Dias da Silva [c. 1880].
Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17377

Voltaríamos a vê-la em récita esporádicas, muitas delas com fins beneficentes, e aos 70 anos a estreiar-se no cinema, no filme *O condenado* (de Mário Huguin e Afonso Gaio), mal-amado da crítica mas de cuja representação, ainda assim, colheu elogios.

É a atriz portuguesa que mais tempo se tem demorado num teatro. Esta permanência constitui, por si só, a afirmação irrecusável de qualidades de

*disciplina e de primores de carácter pouco vulgares. Só quem sabe o que é a vida de palco, com as suas intrigas, com os seus cancans, com as suas misérias, é que pode dar verdadeiro valor a esta página biográfica de Virgínia. Espírito fidalgo de mulher, a ilustre atriz foi sempre superior à mesquinhez Faustino Bretes citando apontamento da *Ilustração Portuguesa*, de 1906.*

Faustino Bretes, *Actriz Virgínia. Biografia*. Município de Torres Novas, 2002, p. 71

Bastidores: as estórias por detrás do pano

Virgínia Dias da Silva foi atriz reconhecida e aclamada, alcançou a mais alta consideração, tendo sido a primeira atriz a quem foi concedida a Ordem de Santiago, em 1902. Recebeu outras condecorações e homenagens várias.

Nove meses antes de morrer, Virgínia da Silva foi agraciada com uma pensão vitalícia, aprovada por unanimidade na Assembleia Nacional.



Virgínia com a filha, Maria Ema. [c. 1910]
Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4009 (incorporação: doação da família Campos)

Virgínia teve uma filha e 4 netos. Manteve uma vida de estudo, recatada, socialmente apagada, discreta, sem fantasias de diva.

Mas mantinha amizades fortes com os intelectuais, actores e outros artistas da época, tendo privado com pintores e escultores, como António Ramalho e Teixeira Lopes.

Da sua vida privada, conheceu-se o casamento com Ferreira da Silva e ouvem-se as estórias sobre o divórcio e as marcas que essa separação lhe deixara. Esta mulher

que, em 1913, decide divorciar-se de um homem socialmente estabelecido, intelectualmente forte e economicamente poderoso, enfrenta seis anos de processo, reaprende a viver modestamente, sem a sua casa, desfazendo-se dos bens para sobreviver.

Os enredos familiares, privados, espoliaram-na de quase tudo: da sua saúde, da sua arte.

Virgínia Dias da Silva era uma mulher que solidariamente

se dispunha a ajudar os outros. São inúmeros os eventos de beneficência em que participa e que organiza. Uma das causas por que mais lutou foi a protecção às actrizes, que depois de uma vida de trabalho não tinham qualquer apoio económico.



Virgínia Dias da Silva [c. 1920].
Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 63473

Eis as memórias possíveis em retratos a preto e branco de uma vida que foi vivida a cores, numa paleta de tons ténues, de uma impressionante subtilidade.

Fica a sensação de que falta o essencial, escrito pela sua mão, aquilo que só Virgínia nos podia contar.

Não há melodrama, nem tragédia. Apenas a história de uma mulher que nasceu em Torres Novas em 1850 e que viveu o sonho de ser actriz, numa época em que poucas mulheres podiam ser o que sonhavam embora muitas já sonhassem o que queriam ser.

Catálogo da exposição

Fotografias e documentação gráfica

1 – “Theatro Virgínia”. Bilhete postal, 1904. Edição da Casa Comercial de Justino H. d’Oliveira, Torres Novas.

Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, n.º 2147

2 – Casa onde nasceu a actriz Virgínia, em Torres Novas, na Rua da Levada/Largo da Hortelosa. Fotografia do laboratório fotográfico Almeida Photo.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4004 [doação da família Campos]

3 - Virgínia Dias da Silva [c. 1866]. Fotografia de R.P.M. Bastos, Galeria Photographica (Lisboa).

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 2333544

4 – Virgínia Dias da Silva [c. 1866]. Fotografia de Baumont Photographia Belga (Lisboa).

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 5737

5 – Teatro do Príncipe Real, mais tarde designado Teatro Apolo. Bilhete postal. [c. 1910] Edição S. R. Lisboa.

Imagem da web em: monumentosdesaparecidos.blogspot.pt

6 - Virgínia Dias da Silva [c. 1870]. Fotografia de A. Fillon (Lisboa).

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 99177

7 - Virgínia e Ferreira da Silva entre outros actores, em *tournee* no Brasil. [c. 1880]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4015 [doação da família Campos]

8 - Actriz Virgínia com o actor Augusto Antunes, caracterizados para espectáculo não identificado. É sabido que contracenaram na peça *Os Velhos*, em 1893, ambos com cerca de 40 anos de idade a desempenhar papéis de septuagenários.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17335

9 – Actriz Virgínia caracterizada para peça de teatro. [s.d.] Fotografia de A. Solas Photographie Universelle (Porto). Embora não identificada, a fotografia é, provavelmente, da personagem desempenhada por Virgínia na peça *A Varina*, representada em 1877, pela Companhia Biester, Brazão e C&.

Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, n.º 1913

10 – Gravura representando a actriz Virgínia Dias da Silva, a propósito da sua apresentação na peça *Fédora*, no Teatro D. Maria II. Autor Raphael Bordallo Pinheiro. In *Folha humorística, António Maria*, ilustrada por Bordallo Pinheiro, Lisboa, Empreza Bordallo Pinheiro, 13 Dezembro de 1883.

Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas/acervo CTM, n.º 237

11- Folheto da peça *Os Velhos*. Estreia a 11 de Março de 1893, no Teatro Nacional D. Maria II, com a Companhia Rosas & Brasão.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 173876

12 - Folheto da peça *Os Castros*, referente ao programa do dia 8 de Abril de 1893, pela Companhia Rosas & Brasão, no Teatro Nacional D. Maria II.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 12881

13 – Figurino “D. Isabel” (representada por Virginia Dias da Silva), para o 6º quadro da peça *Sempre Noiva*, de Marcelino de Mesquita. O documento original contém anotações do autor sobre o traje. No canto superior esquerdo um carimbo da Sociedade de Artistas do Teatro D. Maria II. A peça *Sempre Noiva* foi levada à cena pela Sociedade de Artistas do Teatro D. Maria II em 1900.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 217396

14 – Figurino “D. Isabel” (representada por Virginia Dias da Silva), para 4º acto da peça *Sempre Noiva*, de Marcelino de Mesquita. O documento original tem anotações do autor sobre o material e cores a utilizar no vestuário. No canto superior esquerdo um carimbo da Sociedade de Artistas do Teatro D. Maria II. A peça *Sempre Noiva* foi levada à cena pela Sociedade de Artistas do Teatro D. Maria II, em 1900.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 217395

15 – Figurino “D. Isabel” (representada por Virginia Dias da Silva), para a peça *Sempre Noiva*, de Marcelino de Mesquita, que estreia em 1900, pela Sociedade de Artistas do Teatro D. Maria II.

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 21505

16 – Virginia Dias da Silva [1901]. Fotografia do laboratório fotográfico A Tellers do Photovelo Club Porto. Apresenta a seguinte inscrição manuscrita: “Ultimo retrato da Virginia aos 51 anos/campo”.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3998 [doação da família Campos]

17 – Virginia Dias da Silva [c. 1886]. Fotografia do laboratório Photographia Redondo (Lisboa).

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3995 [doação da família Campos]

18 – Virginia Dias da Silva [c. 1880]. Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17377

19 – Virginia Dias da Silva [c. 1880]. Fotografia do laboratório Photographia Moderna de Leopoldo Cirne e C& (Porto). Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, n.º 1923

20 – Diploma da Associação Protectora da Infância de Santo António de Lisboa, reconhecendo a actriz Virginia como sócia benemérita desta associação. 25 de Dezembro de 1919.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2784.

21 – Folheto de divulgação de “Récita de homenagem à Gloriosa actriz Virginia”, espectáculo patrocinado pelo Diário de Notícias, realizado no Teatro São Carlos.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3597

22 – Virginia Dias da Silva [c. 1915]. Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, n.º 1918.

23 – Lembrança da noite de 24 de Abril de 1915. Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, n.º 1926

24 – Retrato do actor Carlo Duse, com dedicatória a Virginia da Silva. Assinado e datado: 7 de Dezembro de 1903. Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2782

25 – Virginia com o seu amigo Teixeira Lopes, escultor. [c. 1922]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4000 [doação da família Campos]

26 – Virginia com a filha, Maria Ema, e o genro, Caetano. [s.d.]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4009 [doação da família Campos]

27 – Fotografia de grupo de um casamento. Virginia é, muito provavelmente, a anfitriã pois é a única mulher que não usa chapéu. Assim sendo, esta recepção poderá ter ocorrido na casa de Benfica, propriedade do casal Virginia e Ferreira da Silva. [s.d.]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3999 [doação da família Campos]

28 – Actiz Virginia com três dos seus netos: António, ao centro, Teresa, ajoelhada sobre uma cadeira, e Guilherme, sobre a mesa. Fotografia do laboratório fotográfico *Officinas Photográficas* (Lisboa). [c. 1913] Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4006 [doação da família Campos]

29 – Virginia da Silva com a filha Maria Ema, o genro, Caetano da Silva Campos, e os netos Teresa e António. [c. 1915] Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4005 [doação da família Campos]

30 – Virginia e o marido, o actor Ferreira da Silva. Bilhete postal, da série “Artistas Portugueses”, Ed. de Arnaldo Soares – Cliché de Paz dos Reis. [doc. s.d./data de casamento 1892]. Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4012 [doação da família Campos]

Fotografias de grande formato

1. Virginia Dias da Silva [c. 1880]. Fotografia de A. Fillon (Lisboa).

Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 327 [doação do Sindicato dos Trabalhadores das Artes e do Espectáculo]

2. Virginia Dias da Silva em traje de cena da opereta Flor de Chá, peça representada em 1870, pela Companhia do Teatro do Príncipe Real Santos & Pinto Bastos. Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17978

3. Virginia Dias da Silva, 1982. Fotografia de A. Solas. [foto que fez capa no periódico Perfis artísticos, em Janeiro de 1982]. Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 17978

4. Virginia Dias da Silva [c. 1920]. Museu Nacional do Teatro e da Dança, n.º 63473

Peças e documentos (vitrinas)

1 - Escritura para o serviço dramático (contrato de trabalho). Este documento de quatro páginas, selado com imposto de 60 reis, determinava os prazos e termos em que a actriz Virginia Dias da Silva prestaria serviço dramático ao grupo teatral Santos & Comp^a.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 4002 [doação da família Campos]

2 - Bilhetes para espectáculos de teatro em benefício da actriz Virginia.

Museu Municipal Carlos Reis, n.ºs 2592, 2593, 2590

3 – Texto impresso da peça *Rei Lear*, de Shakespeare (ed. Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905), edição traduzida por Júlio Dantas, que autografa este exemplar para o actor Ferreira da Silva, que à época era casado com a actriz Virginia.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2570

4 – Texto impresso da peça *Dor suprema*, da autoria de Marcelino Mesquita. Edição... Esta peça foi levada à cena pela Companhia Rosas & Brasão, em 1896. Virgínia Dias da Silva colheu os maiores elogios pela sua representação de Júlia, a heroína dramática.

Colecção particular de João Bracons.

5 – Texto impresso da peça *A oração da tarde*, com dedicatória do autor, Pinheiro Chagas, para a actriz Virgínia Dias da Silva. Edição ..., 1874. Esta peça foi levada à cena pela Companhia Santos & Pinto/dia da estreia 5 de fevereiro de 1874.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 354

6 – Cópia manuscrita (1883) da peça *Fedora*, de V. Sardou, obra teatral escrita para ser representada pela actriz Sarah Bernhardt, em 1882. Este caderno é um guião de ensaio, anotado com apontamentos de estudo e da encenação; pertencia à actriz Virgínia da Silva que desempenhava a personagem “Princesa Fedora Bomazoff”. Em Portugal, *Fedora* foi levada à cena pela Sociedade de Artistas Dramáticos/Brasão, Rosa & C^a, no Teatro Nacional D. Maria II, em 1883. Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2576

7 – Cópia manuscrita (1885) da comédia *O Marquês de Villemer*, de G. Sand (1^a edição 1867). Este caderno é o guião de ensaio da actriz Virgínia da Silva que desempenhava o papel de “Carolina”. Contém apontamentos de estudo e da encenação.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2577

8 – Cópia manuscrita da peça *Soror Mariana*. Este caderno, pertencente à actriz Virgínia, é o guião de ensaio referente à personagem “Abadessa”. [1919]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2777

9 - Cópia manuscrita de peça teatral (ainda não identificada). Guião de ensaio, em tiras de papel agrupadas por actos, pertencente à actriz Virgínia Dias da Silva. [s.d]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2578

10/11– Oferta dos porteiros do Teatro D. Maria II a Virgínia Dias da Silva, como reconhecimento do seu talento e carácter. Peça composta por capa em couro, com as iniciais VS, e, no interior, documento em papel, com texto de homenagem manuscrito, assinado por todos os porteiros, incluindo o chefe.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 355

12 – Pequena brochura, editada a propósito da festa de homenagem à actriz Virgínia, realizada no Porto, no dia 29 de Maio de 1903. Contém um poema de elogio ao dom e à generosidade de Virgínia.

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3993 [doação da família Campos]

13 - Placa de homenagem à actriz Virgínia, com a seguinte inscrição: «Glória à Arte Dramática Portuguesa / À insigne e primorosa Actriz / VIRGÍNIA / Os admiradores do seu peregrino e notabilíssimo talento dramático na noite de uma festa artística no THEATRO RECREATIVO DRAMATICO NO RIO DE JANEIRO em 4 de Agosto de 1886.»

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3393

14 – Diploma que certifica a atribuição do título de Comendador da Ordem de Santiago da Espada a Virgínia Dias da Silva pelo Presidente da República Portuguesa. O documento é

assinado pelo Ministro da Instrução Pública, com data de 23 de Junho de 1920. Em 1902, Virgínia foi agraciada com o grau de Cavaleiro da Ordem de Santiago, pelo mérito artístico.

Foi a primeira actriz portuguesa a receber tal distinção. Museu Municipal Carlos Reis, n.º 358

15 – Condecoração atribuída a Virgínia Dias da Silva. [ordem ainda não identificada; s.d.] Museu Municipal Carlos Reis, n.º 3394

16 – Capa almofadada, com texto de Ramiro Montes Pinto, gravado em folha e seda, em homenagem à actriz Virgínia, por ocasião de uma festa de beneficência que ocorreu no Teatro Nacional, em Lisboa, no dia 14 de Dezembro de 1915, a favor da instituição de beneficência “A Junção do Bem”. Museu Municipal Carlos Reis, n.º 356

17 – Fotografia de grupo teatral. [s.n./s.d.]

Museu Municipal Carlos Reis, n.º 2781

Documento cinematográfico

O Condenado.

Reprodução a partir de pedaço de película com alguns fotogramas onde se pode ver a actriz Virgínia que desempenhava o papel de “Quitéria”, *O Condenado* (1921) – filme realizado por Mario Huguin/Afonso Gaio, rodado em 1920.

FICHA TÉCNICA

Exposição ESTREIA.

Evocação a Virgínia Dias da Silva, actriz do teatro nacional.

CONCEPÇÃO, TEXTOS E DESENHO DA EXPOSIÇÃO **Margarida Freire Moleiro (GEPE-MMCR);**

REVISÃO DE TEXTO **Ana Maria Marques e João Carlos Lopes (GEPE);**

MONTAGEM **João Carlos Lopes e Teresa Lopes (GEPE-MMCR);**

GRAFISMO **Cátia Ganhão (GCI);**

IMPRESSÃO **Nextstep.**

27 outubro – 31 dezembro 2016,
Museu Municipal Carlos Reis, Torres Novas.

Agradecimentos a: Pedro Campos; Jorge Campos; Museu Nacional do Teatro e da Dança; João Bracons.